

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP Class.: Amazônia/Queimadas
 Data: 04/12/93 Pg.: 416 68

AMBIENTE

Número de queimadas é igual ao total de 1992

Focos seguem o padrão do ano passado: início no Sudeste e Sul, depois Centro-Oeste e Norte

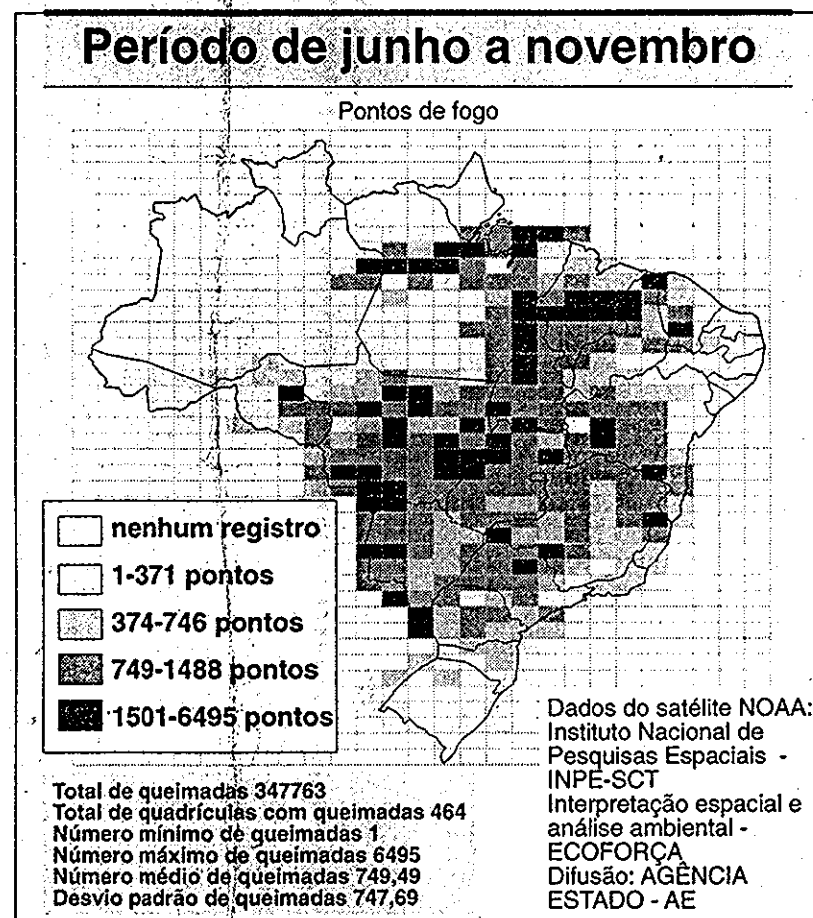
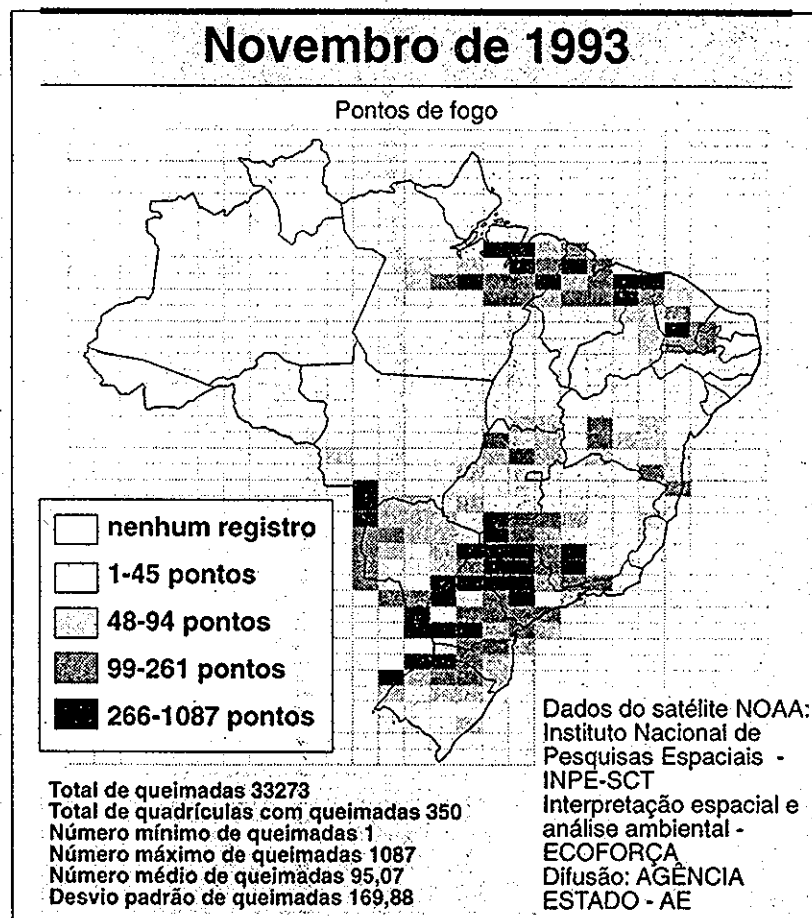
LIANA JOHN

CAMPINAS — A soma das queimadas registradas pelos satélites Noaa durante a estação seca de 1993 é praticamente igual ao total do ano passado. Entre junho e novembro, 347.763 pontos de fogo foram computados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), apenas 1,4% a menos do que os 352.722 focos de 1992. A distribuição das queimadas repetiu o padrão do ano passado: o uso do fogo começou mais cedo no Sudeste e Sul e depois se espalhou para o Centro-Oeste e Norte, acompanhando o movimento aparente do Sol e conforme a ocorrência de chuvas.

No final da estação, em outubro e novembro, queimou também a região Nordeste e voltaram a subir os registros no Sudeste e Sul. "A variação do padrão, mês a mês, é comandada pelo clima, a localização das queimadas está ligada à existência do cerrado e à extensão ocupada pela pecuária" explicou Evaristo Eduardo de Miranda, pesquisador do Núcleo de Monitoramento Ambiental (NMA), responsável pela digitalização dos mapas.

Embora o total e o padrão geral de queimadas deste ano sejam os mesmos do ano passado, alguns detalhes chamam a atenção quando se comparam os mapas, mês a mês e ano a ano. Houve um aumento relativo de focos de

fogo no oeste e sul da Bahia, notadamente nas vizinhanças de Santa Maria da Vitória e ao sul do rio Pardo. O Estado do Mato Grosso, que havia passado quase incólume em 1992,



voltou a queimar como em 1991. O uso do fogo generalizou-se também em Minas Gerais e chega a preocupar na região de divisa com o Espírito Santo, na altura de Barra de São Francisco. Preocupa igualmente o aumento dos registros no Rio e em São Paulo, sobretudo no litoral sul paulista, onde fica a maior mancha remanescente de Mata Atlântica.

No Norte e Nordeste, os maiores aumentos relativos foram detectados ao longo do baixo rio Amazonas, desde as localidades de Parintins (AM), Santarém (PA), até a ilha do Marajó, na foz do rio.

aumentos relativos foram detectados ao longo do baixo rio Amazonas, desde as localidades de Parintins (AM), Santarém (PA), até a ilha do Marajó, na foz do rio.

Satélites orientam sistema Prevfogo

As imagens dos satélites, uma vez processadas pelo Inpe, são transformadas em listas de coordenadas geográficas, repassadas diariamente ao sistema Prevfogo, do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), para orientar a fiscalização. Sem recursos para atuar, os funcionários do Prevfogo limitaram-se a acompanhar, de Brasília, a evolução das queimadas.

O mesmo tipo de informação foi enviado à Secretaria do Meio Ambiente (SMA), de São Paulo, que, de posse das indicações do

satélite, envia fiscais para verificar, in loco, se as queimadas detectadas foram autorizadas e estão dentro da lei. Durante a estação seca deste ano, a chamada Operação Mata Fogo verificou pelo menos 350 focos indicados pelo satélite ou por pilotos de avião, dos quais 74 eram incêndios em mata nativa (1.504 hectares queimados), 15 focos em reflorestamentos e 107 em canaviais e áreas agrícolas.

Infração — Foram lavrados pelo menos 50 autos de infração por queimadas não-autorizadas. Os dados ainda são parciais, a

SMA está trabalhando na estatística final.

Outro Estado a usar as informações sobre queimadas foi o Maranhão, que, em convênio com o NMA passou a receber um mapa semanal do estado, com o número e a distribuição das queimadas. "Deslocamos equipes para as áreas-problema e fizemos um trabalho de educação ambiental", disse Fernando César Mesquita, secretário estadual de Meio Ambiente. "Prendíamos também combater as queimadas em convênio com o Ibama, mas o dinheiro federal foi contingenciado." (L.J.)

Fogo propicia invasão de gafanhotos

Pesquisadores do Núcleo de Monitoramento Ambiental, NMA, descobriram uma relação entre as queimadas de cerrado, na Chapada dos Parecís, em Mato Grosso, e as eclosões de gafanhotos-praga, do gênero *Rhmatocerus*. Originários da chapada, os gafanhotos vem infestando as culturas de gramineas (milho, arroz e cana) desde 84.

Em convênio com um instituto francês especializado em ecologia de gafanhotos, o Cirad-Prifas, o NMA vem realizando estudos para determinar a melhor forma de monitoramento e combate da praga. Entre 25 de outubro e 15 de novembro, os pesquisadores Ivo Pierozzi e Michel Lecoq estiveram entre as cidades de Comodoro e Campo Novo. Segundo Pierozzi, pesquisador do NMA, "as queimadas propiciam um rebrotamento da vegetação, que aumenta o sucesso das posturas de gafanhoto no cerrado". Sem as queimadas, a sobrevivência dos gafanhotos poderia ser menor.

As fêmeas de gafanhotos põem os ovos num determinado tipo de cerrado aberto. Se a área de postura havia sido queimada, a vegetação começa a rebrotar mesmo antes das chuvas, fornecendo alimento para os gafanhotos recém-nascidos. Nas áreas onde o fogo não passou e a chuva ainda não chegou, os gafanhotos nascem, mas morrem de fome antes da vegetação rebrotar. (L.J.)